

JEAN-PAUL SARTRE NO BRASIL^I

a conferência de Araraquara e notas de uma homenagem a Fausto Castilho

JEAN-PAUL SARTRE IN BRAZIL

the Araraquara conference and notes of a tribute to Fausto Castilho

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v12i3.57123>

Marcio Gimenes de Paula*

Universidade de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/4269564367136592>

<https://orcid.org/0000-0002-5991-5710>

marciogimenes@unb.br

* Professor Associado do departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

I O presente trabalho foi originalmente apresentado na *I Jornada Fausto Castilho: formação docente e ensino de filosofia*, ocorrida na UnB de 24 a 27 de abril 2024. Agradecemos aos organizadores pela oportunidade de ali apresentar a nossa reflexão.

RESUMO

O objetivo do presente artigo é avaliar, a partir de uma leitura fragmentária da obra *Sartre no Brasil – a conferência de Araraquara*, a presença do renomado filósofo francês entre nós e algumas de suas teses sobre marxismo e existencialismo, temas intensamente pesquisados por ele e bastante adequados ao contexto da época. Para tanto, o trabalho será delimitado em três pontos: a introdução almeja avaliar um pouco do contexto filosófico e político da época, bem como situar o papel do professor Fausto Castilho, nosso homenageado, como anfitrião de Sartre e Simone de Beauvoir em sua estadia por nosso país. O segundo ponto do trabalho avaliará algumas das teses defendidas pelo autor sobre existencialismo e marxismo, presentes no texto das conferências. Por fim, concluiremos o trabalho investigando algumas possíveis conjecturas entre o filósofo francês e outras interpretações, bem como nos deteremos a analisar seus limites e perspectivas.

Palavras-chave: Filosofia Contemporânea. Existencialismo. Marxismo. Sartre. Subjetividade.

ABSTRACT

The objective of this article is to evaluate, based on a fragmentary reading of *Sartre's work in Brazil - the Araraquara conference*, the presence of the renowned French philosopher among us and some of his theses on Marxism and existentialism, themes intensely researched by him and quite appropriate to the context of the time. To this end, the work will be delimited into three points: the introduction aims to evaluate a little of the philosophical and political context of the time, as well as situate the role of professor Fausto Castilho, our honoree, as host of Sartre and Simone de Beauvoir during their stay for our country. The second point of the work will evaluate some of the theses defended by the author on existentialism and Marxism, present in the text of the conferences. Finally, we will conclude the work by investigating some possible conjectures between the French philosopher and other interpretations, as well as analyzing their limits and perspectives.

Keywords: Contemporary Philosophy. Existentialism. Marxism. Sartre. Subjectivity.

À GUIA DE INTRODUÇÃO

Tomarei a liberdade, nesse belo evento em homenagem ao legado intelectual de Fausto Castilho, de fazer uma nota na qualidade de ex-aluno do mestre. Nos idos de 1995, quando fui seu aluno na Universidade de Campinas, o professor Fausto Castilho ensinava a nós, calouros do curso de Filosofia, em dois semestres, as *Meditações Metafísicas* de Descartes. Além das aulas expositivas – que duravam a tarde toda uma vez por semana – ele nos brindou com sua tradução da obra diretamente do Latim e nos cobrava a entrega de paráfrases da obra do pensador francês. Era uma tarefa árdua que hoje, olhando um pouco no retrovisor da história, penso que nos ensinou a fazer e a escrever filosofia com mais rigor, com mais análise. Por isso, sempre serei grato a esses ensinamentos e, principalmente, por ele nos ensinar que a filosofia é um fazer, um praticar, coisa que devemos levar para toda a vida.

Mesmo que eu, um jovem desinformado à época, sequer desconfiasse que aquele senhor que tanto sabia de Filosofia Moderna, de Filosofia Contemporânea, de Heidegger (especialmente do *Ser e Tempo*, que ele também traduziu) e que, além de tudo, ele havia sido anfitrião na visita de Sartre e Simone de Beauvoir ao Brasil, isso tudo aconteceu de fato. E hoje, ultrapassando a casa dos meus cinquenta anos, e já tendo mais passado do que futuro, olho com alegria o que vivi, o que aprendi e vejo com imensa simpatia o texto das conferências de Sartre em Araraquara e me alegra, uma vez mais, saber que o meu antigo professor foi quem fez o questionamento motivador da conferência do célebre filósofo francês. Sua questão foi:

Desde 1943 conhecemos os termos em que o senhor define o filósofo bem como os vínculos que se estabelecem, na história, entre ele e sua obra- a História, isto é, o limite intransponível ao mesmo tempo para o subjetivo e para o objetivo. Contudo, na *Questão do Método* e mais recentemente ainda na *Crítica (da Razão*

Dialética), o senhor renuncia formalmente ao nome de *filósofo*. Devemos perguntar se tal declaração não implica, para o senhor, em uma nova ideia das relações entre o subjetivo e o objetivo? E como dizer-se ideólogo, hoje, e, entretanto, não cair nas dificuldades que Marx assinala a propósito de toda ideologia? Eu sumo, é possível superar a filosofia sem realizá-la? (Castilho *in* Sartre, 1986, p. 23).

Como bem enfatiza Paulo Sérgio Pinheiro, na *orelha* da edição de 1986, cabe lembrar que a estadia de Sartre e Simone de Beauvoir no Brasil foi um período relativamente longo, pois durou de 15.08 até 01.11 de 1960, ou seja, foram mais de dois meses que o casal de intelectuais teve contato com diversos segmentos da sociedade brasileira, diversas cidades e regiões do país, foi um período proveitoso: “não escapou nada de nossa vitrine, dos candomblés da Bahia ao doce de abóbora em fazenda paulista” (Pinheiro *in* Sartre, 1986, orelha).

O contexto político e social – do mundo e da América Latina em especial – era bastante instigante. Cabe-nos recordar que a Revolução Cubana ocorreu um ano antes, ou seja, em 1959, tendo merecido de Sartre uma atenção especial e mesmo uma visita ao país caribenho¹. Antônio Cândido enfatiza, com propriedade o contexto da época e como ele se reflete na viagem de Sartre ao Brasil:

A passagem de Jean-Paul Sartre por Araraquara em 1960 foi uma espécie de aferição simbólica do seu perfil intelectual. Quero dizer que ela permitiu verificar a sua posição filosófica de pensador que reexaminava o marxismo à luz do que se chamou o existencialismo, quando fez na Faculdade de Filosofia a conferência onde expôs o miolo da *Question de Méthode*. E permitiu também verificar a decisão de pôr o pensamento em contato com a prática, de agir politicamente, quando falou no Teatro Municipal e debateu com o público, tendo como pano de fundo, nas galerias,

¹ Refiro-me aqui ao seguinte trabalho: Sartre, J.P. *Furacão sobre Cuba*, Editora do Autor, São Paulo, 1960.

as faixas trazidas pelos posseiros rebeldes de Santa Fé do Sul. O momento era de grande esperança radical, com o populismo incoordenado e generoso do Governo João Goulart. Era de entusiasmo pela Revolução Cubana, que Sartre ainda apoiava totalmente e sobre a qual escrevera um ensaio que naqueles dias apareceu em português. Tudo isso fez dos encontros de Araraquara um episódio precioso da participação do intelectual na vida da sociedade e de confiança na força do saber consciente do seu papel (Cândido *in* Sartre, 1986, contracapa).

Em outras palavras, a conferência de Araraquara situava-se exatamente no âmbito de discussão entre o marxismo e o existencialismo. Como bem percebe o tradutor das conferências, Luiz Roberto Salinas Fortes^{II}, o pensador francês está profundamente ligado com as discussões seu tempo e preocupado com o contexto brasileiro e com a América Latina, como bem pontua Fortes:

Sempre acolhido por multidões de universitários curiosos e entusiasmados, perseguido por batalhões de jornalistas frenéticos e cortejado por legiões de intelectuais extasiados, o então ‘superestar’ do pensamento iria consagrar-se durante dois meses à descoberta do nosso país que atravessaria de norte a sul, ao mesmo tempo em que desenvolveria atividade múltipla nas principais cidades. No Rio, em São Paulo, em Porto Alegre, em Salvador, daria entrevistas, visitaria terreiros de candomblé, faria conferências, participaria de debates com a classe teatral e, em São Paulo, com líderes sindicais com os quais conversaria durante horas, tomando apontamentos em um singelo caderninho como um colegial aplicado (Fortes *in* Sartre, 1986, pp. 11-12).

II A tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes que, posteriormente se tornaria um célebre professor de Filosofia da Universidade de São Paulo, estava pronta desde finais de 1963. Pelo agravamento da situação política brasileira – sobretudo com o golpe militar de 1964 – o trabalho ficou sem publicação até 1986 quando, finalmente, ele pode ser retomado e concluído no seu formato definitivo (Fortes *in* Sartre, 1986, pp. 18-19).

O Brasil dos anos de João Goulart, o tema da Reforma Agrária e a recente Revolução em Cuba eram, por assim dizer, as pautas políticas do dia. Do ponto de vista da produção intelectual de Sartre, 1960 é o ano em que ele publica a célebre obra *Crítica da Razão Dialética* e, portanto, sua conferência em Araraquara irá refletir a temática de tal trabalho, como também podemos perceber na questão formulado a ele por Fausto Castilho. Passemos, então, a primeira parte da conferência denominada *Filosofia e Ideologia*^{III}.

FILOSOFIA E IDEOLOGIA

Sartre inicia sua conferência, motivado pela pergunta de Fausto Castilho, de um modo curioso: sua primeira constatação é que a realização da Filosofia é obra do marxismo, o que demonstraria a sua parte prática por assim dizer. Contudo, ao mesmo tempo em que isso parece soar, para um primeiro olhar, como um dado elogio do marxismo, o pensador francês afirma que tal prática é decorrência, na verdade, não do próprio marxismo, mas da sua herança, a saber, do seu componente hegeliano: “Para mim, esta maneira de ver a evolução da Filosofia é um pouco otimista e mais hegeliana que marxista. Ela tem, aliás, creio eu, uma raiz filosófica hegeliana, pois Hegel via também, no final da História, a realização da Moral” (Sartre, 1986, p. 27). Por isso, a partir de uma perspectiva da Filosofia da História, Sartre avalia que o marxismo é uma filosofia insuperável. Entretanto, ao contrário do que pode parecer, o *insuperável* precisa ser melhor elucidado. No seu entender, também a filosofia de Descartes e de Kant foram, cada qual ao seu tempo, insuperáveis, como agora parece ser a filosofia de Marx:

III É importante ressaltar que a divisão da conferência em duas partes foi uma escolha do tradutor na sua primeira versão (de 1963) e não foi, portanto, estabelecida pelo próprio autor. Contudo, para fins didáticos, iremos mantê-la para nossa exposição (Fortes in Sartre, 1986, p. 19).

Seja como for, toda filosofia que não parte da realidade do condicionamento material e do condicionamento técnico, que não faz do homem total o seu ponto de partida e não segue a ordenação de Marx, é hoje uma filosofia necessariamente retrógrada. Isso significa, em consequência, que no momento presente não pode haver *filósofos*. E significa ainda outra coisa: um dia o sistema marxista explodirá como todos os outros. Mas explodirá porque será substituído por uma filosofia da liberdade (Sartre, 1986, pp. 35-36)

Há nessa afirmação de Sartre vários pontos ricos e que merecem maior explicação. O primeiro deles é que a práxis da filosofia marxista agora impede que alguns se denominem *filósofos*. Com isso, o pensador francês parece contemplar, ao menos em parte, algo da pergunta colocada por Fausto Castilho. Entretanto, o lado que nos parece mais significativo, e isso espelha o tema da conferência como um todo, é a percepção sartriana de que a filosofia de Marx é insubstituível, mas explodirá e será substituída por uma filosofia da liberdade. Este parece ser o ponto central para perceber tanto no marxismo, como no existencialismo, o tema da dissolução do hegelianismo^{IV}, e portanto, a percepção de que ambos podem ter uma mesma fonte comum, a despeito dos diferentes registros pelos quais se pautam.

Por isso, Jolivet, em sua interpretação acerca do marxismo sartriano o compreende no escopo da Filosofia da História e levando em conta o tema da consciência de si, termo de origem hegeliana: “Cumprir, pois, pensa Sartre, voltar ao marxismo, apreendido em seu sentido mais profundo e como filosofia da história. Não podemos hoje ir mais longe do que ele porque o marxismo não é nada mais do que a própria História tomando consciência de si” (Jolivet, 1968, p. 121). Sartre relembra em sua conferência que “Marx disse certa feita, *ou o socialismo ou a barbárie*” (Sartre, 1986, p. 37). Sem adentrar no aprofundamento que tal questão mereceria, cabe ressaltar que, para o filósofo francês, tal socialismo antecederia, na realidade, o que ele chamou de *filosofia da liberdade*. Aqui

IV Tal tese é melhor desenvolvida por Luigi Pareyson em sua obra (Pareyson, L. *Studi sull'esistenzialismo*, Mursia, Milano, 2001).

parece residir um ponto de aproximação instigante entre dois interesses do filósofo, a saber, o marxismo e o existencialismo. Por isso, sua sentença parece ser lapidar: “Mas a Filosofia não é simplesmente a vontade prática de realizar esse mundo. É também a questão que o homem se coloca sobre si mesmo (Sartre, 1986, p. 39). Seria, então, o marxismo uma espécie de momento antecipatório da filosofia da liberdade? É o que parece indicar o pensador, ainda que isso não fique totalmente claro e, com toda a certeza, é mais um pista que merece investigação do que uma afirmação pronta e acabada. Vejamos o seu curioso apontamento: “Eu, pessoalmente, falei da liberdade em meus livros de filosofia. Creio que essa liberdade é uma noção capital do nosso mundo. Penso, entretanto, em uma liberdade alienada. Acho que, por ora, o homem é livre para ser alienado” (Sartre, 1986, p. 39). No seu entender, alienação e liberdade não são conceitos contraditórios pois, “se não fosses livre, como poderiam transforma-te em escravo? Não se escraviza um pedregulho ou uma máquina: só se escraviza e se aliena um homem que, primeiramente, é livre” (Sartre, 1986, p. 39). Desse modo, sua avaliação é que o próprio marxismo precisa repensar o seu conceito de alienação: “Há uma noção capital em que a dialética marxista não elucidou de modo suficiente, a saber: não há alienação a não ser de um homem livre” (Sartre, 1986, p. 39). Notemos quanto aqui o Sartre existencial parece ser crítico de uma dada interpretação marxista.

Devemos ainda notar o quanto é importante aos olhos de Sartre tomar a filosofia como obra de vários autores. A percepção do quanto essa dialética ocorre dentro do tempo. Assim, “uma filosofia não é obra de um único filósofo, mas sim o desenvolvimento de um conjunto de ideias práticas que aparecem no momento em que uma classe se acha em ascensão, rompe as cadeias que a prendem e se apropria dos instrumentos de conhecimento, antes de tomar o poder” (Sartre, 1986, pp. 41-43). Aqui o olhar sartriano parece comportar boa dose de marxismo. Contudo, no passo seguinte da conferência, ele dirá que pretende compreender o existencialismo enquanto uma ideologia, mas faz questão de destacar que não opera com o conceito marxista de ideologia que, no seu entender, possui algo de passivo. Desse modo, ele pretende compreender as dinâmicas sociais que ocorrem e, por isso, toma-se a si mesmo como um ideólogo, o que aparece na questão formulada por

Fausto Castilho, mas igualmente toma até mesmo Lênin, um autor central da tradição marxista, como um ideólogo. Cabe agora, então, uma investigação um pouco mais desenvolvida do que ele tomou por *ideólogo* – e por qual motivo nomeou a si mesmo desse modo. Isso parece ser melhor operado na segunda parte da sua conferência denominada, na divisão de tradução proposta pelo tradutor brasileiro, como a ideologia existencial e o fundamento da antropologia. Logo, destaca-se o tema da antropologia, palavra profunda e inspiradora para filósofos e sociólogos. Passemos, então, ao segundo ponto da nossa exposição.

A IDEOLOGIA EXISTENCIAL E O FUNDAMENTO DA ANTROPOLOGIA

Sartre começa sua exposição com a constatação, quase elementar, de que a Antropologia é uma fala sobre o homem e, ao mesmo tempo, com certa dose de humor, lembra-nos que falar não é igual a tagarelar. Em outras palavras, o homem é um objeto dos cientistas sociais. No seu entender, esses são “os que fornecem ideias precisas e claras, fundadas sobre experiências, cálculos, estudos rigorosos, críticas de documentos e de testemunhos” (Sartre, 1986, p. 49).

Nesse enquadramento é que podemos notar a citação de um importante autor, bastante caro aos estudos antropológicos e ao contexto brasileiro, uma vez que viveu e trabalhou entre nós. Trata-se de Lévi-Strauss e da chamada Antropologia estruturalista. Não entraremos nos meandros de tal concepção, mas cabe ressaltar que Sartre a menciona para colocá-la ao lado de uma outra abordagem antropológica, a saber, *A Antropologia histórica*. No seu dizer:

Por outro lado, os senhores tem a Antropologia histórica. Isto é, a Antropologia que consiste em estudar o homem na medida em que é modificado pelas circunstâncias e, modificado por elas, as modifica por sua vez. Nas palavras de Marx: o homem feito pela história, faz

a história, na mesma medida em que é feito por ela”
(Sartre, 1986, p. 51).

Assim, o que parece saltar aos nossos olhos é a tese de que o homem está imerso nos processos históricos. Seguindo a mesma direção é que podemos compreender ainda a citação que Sartre faz da passagem do feudalismo ao capitalismo e menção a outro pesquisador francês bastante caro ao contexto brasileiro. Refiro-me a Roger Bastide, autor do clássico trabalho *As religiões africanas no Brasil*, que Sartre confessa estar lendo no momento com especial interesse. Deve-se observar com cautela as menções feitas por Sartre aos dois pesquisadores do campo antropológico. Há aqui concordâncias, discordâncias e, especialmente no caso de Lévi-Strauss não é uma oposição gratuita e banal ao método estruturalista, mas uma chamada de atenção para a Antropologia histórica que, talvez, tenha, inclusive, se beneficiado de alguns pressupostos da Antropologia estruturalista. O que nos cabe perceber é que Sartre parece dialogar com tais autores exatamente para um tema de seu interesse: a busca de um fundamento existencial para a Antropologia. Na sua visão, há uma *esquisitice* comum a cientistas sociais e filósofos: “Em primeiro lugar, é preciso ser um homem esquisito para ser etnógrafo. Mas, fiquem tranquilos: para ser ideólogo ou filósofo é também preciso ser esquisito” (Sartre, 1986, p. 67).

Um desses *esquisitos*, amigo pessoal de Sartre, foi Lévi-Strauss. O filósofo via nele mais do que alguém que viveu um determinado período de sua existência entre os índios no Brasil, mas via no seu trabalho a própria face do amigo e as suas paixões:

Aliás, nunca compreendi tão bem o caráter de Lévi-Strauss – que é um de meus amigos de quem gosto bastante – como depois de ler o relato da sua vida entre os indígenas. É ele quem eu via, mais ainda que os índios, porque via o que ele amava, o que desejava... (Sartre, 1986, p. 69).

Assim, aos olhos do filósofo, há uma diferença que merece ser pontuada entre compreensão e inteligência. A inteligência está relacionada com “todos os conjuntos significantes, que aprendemos como racionais” (Sartre,

1986, p. 73). A compreensão, por sua vez, relaciona-se ao que podemos apreender:

“Compreensão, porém, é algo estritamente reservado ao que podemos apreender, nós, da ação de um outro. Isto é, o que faz com que possamos compreender – a despeito de não possuímos em absoluto a mesma natureza humana, pois ela não existe...” (Sartre, 1986, p. 73).

Adentramos em uma temática de forte densidade filosófica. Diante de tal configuração iremos, de modo inevitável, nos depararmos com a discussão sobre a liberdade humana, sobre os universais, sobre o tema do outro, da subjetividade e etc. Sartre aponta, como um exemplo de má análise sociológica, trabalhos que, feitos de fora, tendem a apontar para os homens diferentes do pesquisador, como exóticos ou inferiores, tal como se notava em muitas análises da sociologia norte-americana da época: “Sociologia. Obras sobre os negros de uma cidadezinha, etc’. E um prefácio no qual o autor diz seus preconceitos: não gosta de negros, por exemplo...” (Sartre, 1986, p. 79).

Assim não parece despropositado que Sartre verá no ideal do cogito cartesiano uma saída para a Antropologia atual. Algo que poderia nos ajudar a percebermos com maior profundidade a existência dos homens, do outro, a reafirmar a subjetividade: “Compreendemos o que interiorizamos. Isto faz com que, metodologicamente, compreender situe-se no nível em que a interiorização do movimento repousa sobre si mesma para tomar consciência de si ou, se quiserem, no nível do *cogito*” (Sartre, 1986, p. 87). Aos olhos de Sartre, “o *cogito* não é nada metafísico” (Sartre, 1986, p. 87). Em outras palavras, o pensador parece pavimentar o terreno para compreendermos a sua tese da Antropologia como um ponto central para entendermos a sua confissão de ser um ideólogo e não um filósofo. É propriamente nesse ponto que ele retoma a questão de Fausto Castilho e, para tanto, terá que valer-se de menções a duas de suas obras: “Se o senhor pensa – é a sua segunda questão que vou responder – que há uma diferença entre *O Ser e o Nada* e *Crítica da Razão Dialética* é por causa da maneira como os problemas são formu-

lados não por causa da própria direção, a direção continua a mesma” (Sartre, 1986, pp. 91-93).

Ao contrário do que talvez alguns avaliem, a importância da teoria do cogito no pensamento sartriano é vital e, desse modo, assistimos sua confissão apaixonada:

Assim, quando lhes dizia que a noção de interiorização nos remete ao *cogito*, acrescento que a noção de *cogito* me remete imediatamente para fora e para a dialética. O *cogito* aqui não é mais do que um momento. É o momento da partida. Se não se parte da ideia de liberdade, do *cogito* na sua formalidade, de sua certeza, de seu absoluto, teremos perdido o homem (Sartre, 1986, p. 97).

Desse modo, “a Antropologia é a reintegração do *cogito* na dialética” (Sartre, 1986, p. 101). Por isso, a saída apontada por Sartre não poderia ir para outra direção, senão a afirmação do homem. E, por sua vez, se o tema é o humano ele nos remete a liberdade do agir, tema tão caro para a herança marxista e para o existencialismo, que pode ser visto, de modo ainda mais profundo, em visões como a de Sartre, que parece ter o pé em cada um desses lados.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Em seu texto *O Existencialismo francês*, Hannah Arendt fez a seguinte afirmação sobre o movimento existencialista francês:

Uma palestra sobre filosofia provoca um tumulto, centenas se aglomerando para entrar e milhares indo embora. Livros com problemas filosóficos que não pregam doutrinas baratas e não oferecem nenhuma panaceia – pelo contrário, tão difíceis que requerem uma verdadeira reflexão – vendem como romances policiais (Arendt, 2008, p. 217).

Tal descrição talvez possa nos fornecer algo do que foi o chamado movimento existencialista e como Sartre figura entre um de seus principais expoentes. Em outras palavras, o filósofo conjugou, talvez como poucos, uma capacidade de articular trabalhos acadêmicos por assim dizer e, ao mesmo tempo, escrever romances, peças de teatro, participar politicamente, dar entrevistas nos mais diversos meios disponíveis à época. Por isso, o assim chamado movimento existencialista tem um lado que podemos denominar de mais *acadêmico* e um outro lado mais *político e cultural*, o que é um reflexo da época. François Dosse relembra, a partir do relato de Simone de Beauvoir, o burburinho que sempre envolvia as conferências de Sartre à época:

Em 1945, se dermos crédito a Simone de Beauvoir, o existencialismo é uma palavra de uso corrente. O simples anúncio da conferência de Sartre pelo clube *Maintenant* e intitulada ‘O existencialismo é um humanismo’, em 29 de outubro de 1945, desencadeia quase um motim. A bilheteria é invadida por uma multidão compacta que se acotovela para garantir um lugar dentro da sala. Sartre chega sozinho, de metrô, e tem a impressão de que se trata de uma manifestação de hostilidade por parte dos comunistas... Sartre está equivocado. Seus admiradores é que vieram festejar o novo guru dos tempos modernos, ávidos em conhecer o que ele entende por existencialismo... (Dosse, 2021, p. 32)

Curiosamente, na visita de Sartre e Simone de Beauvoir ao Brasil, pouco se menciona a presença da igualmente ilustre filósofa, escritora e companheira de Sartre. Contudo, cabe-nos ressaltar que ela também proferiu palestras na ocasião o que, infelizmente, muitas vezes se perdeu numa espécie de memória seletiva e que ainda não parece conferir às mulheres um papel importante no cânone filosófico, tal como atesta Rossini: “Sartre não foi o único a ministrar palestras. Beauvoir discursou sobre feminismo para uma plateia lotada na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro. O público era majoritariamente feminino (Rossini, 2022).

Na realidade o motivo primordial da visita de Sartre ao Brasil é o fato dele haver sido convidado para ministrar palestra no 1º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária em Recife. Evidentemente, a ocasião foi a mola propulsora para vários outros convites, incluindo a célebre conferência de Araraquara, sobre a qual nos debruçamos. O intuito do nosso artigo foi apenas descrever um pouco do contexto da época e a agitação intelectual causada pela presença de Sartre e Simone de Beauvoir entre nós. Contudo, para além disso, parece-nos instigante perceber também, no próprio texto apresentado por Sartre nas conferências, o eco das suas obras, sobretudo aquelas recém-publicadas e, por certo, investigar um pouco mais a relação entre o marxismo e o existencialismo do filósofo. De outro lado, ao avaliarmos o texto de Sartre, deparamo-nos com a pergunta de Fausto Castilho e, por assim dizer, com os primeiros passos de uma formação em Filosofia em nossas universidades públicas de história tão recente e ainda em construção. Nesse sentido, a conferência não deixa de ser também um encontro de mundos diversos e se firma, no ideal formativo da Filosofia brasileira, como um marco, o que nunca pode ser esquecido.

Por fim, a própria cidade de Araraquara reconhece a importância dos ilustres visitantes em uma lei municipal de 2001 que institui o dia 04 de setembro de 1960, data da conferência, como o dia municipal de Sartre. Curiosamente, o time de futebol do Santos de Pelé jogava na mesma ocasião na cidade, o que teria propiciado um fato curioso: a observação do filósofo sobre o público da cidade e, num primeiro momento, a sensação de que o fluxo de pessoas se devia a sua conferência: “Conta-se que quando o filósofo Sartre viu as pessoas pelas vias da cidade em grande comemoração pensou que aquele tumulto todo se devia à sua presença” (Gustavo, 2018). Penso que Sartre deve ter rido do episódio depois que soube dos detalhes. Afinal, a boa filosofia se faz rindo de si mesmo e da sua própria finitude.

REFEERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DOSSE, François. *A saga dos intelectuais franceses 1944-1989 – Volume I: À prova da história (1944-1968)*. São Paulo: Estação Liberdade, 2021.

GUSTAVO, Sérgio. *Dia Municipal de Sartre – 4 de setembro*. Araraquara: Câmara Municipal de Araraquara, 2018. Disponível em: <https://www.camara-arq.sp.gov.br/Memorial/Visualizar/37931>. Acesso em: 26 abr. 2024.

JOLIVET, Régis. *Sartre ou a teologia do absurdo*. São Paulo: Herder, 1968.

ROSSINI, Maria Carolina. A visita de Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre ao Brasil, em 1960. *Revista Superinteressante*, [S. l.], 26 abr. 2024. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/a-visita-de-simone-de-beauvoir-e-jean-paul-sartre-ao-brasil-em-1960>. Acesso em: 26 abr. 2024.

SARTRE, Jean-Paul. *Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara* (edição bilíngue). São Paulo: Unesp; Paz e Terra, 1986.

Recebido em 05 de fevereiro de 2025

Aprovado em 18 de março de 2025

Publicado em 30 de abril de 2025

